

Greenpeace pede auditoria sobre madeireiras

EDSON LUIZ

BRASÍLIA — O Brasil precisa fazer um auditoria e paralisar imediatamente as atividades das madeireiras asiáticas que atuam na região amazônica. A recomendação foi feita ontem pelo movimento ambiental Greenpeace, que apresentou na Câmara um relatório sobre a atuação dessas empresas em várias partes do mundo. Segundo o relatório do Greenpeace, a grande demanda de madeira na América Latina e os lucros que podem ser obtidos pelas madeireiras asiáticas deverão causar grandes desmatamentos na região.

O Greenpeace recomendou ao governo brasileiro que realize uma avaliação dos impactos ambientais, econômicos e sociais das propostas de concessão de desmatamentos e de pedidos de manejo florestal das empresas asiáticas. "O Greenpeace acredita que o governo precisará fazer

consideráveis investimentos em pessoal, programação e desenvolvimento legislativo antes de monitorar adequadamente e fazer cumprir as normas de desmatamento, a fim de deter os danos ambientais", diz o relatório.

A presença das madeireiras asiáticas na Amazônia, segundo o relatório do Greenpeace, pode ter um impacto significativo na floresta, mudando para sempre sua composição econômica, social e ecológica. "Ao abrir o coração

da Amazônia para o desmatamento em larga escala, o governo brasileiro arrisca acelerar as taxas de desmatamento e perder sua frágil capacidade política de assegurar um controle adequado da região."

Segundo dados do Instituto Brasi-

leiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), somente a madeireira malaia WTK comprou 1,2 milhão de hectares às margens do Rio Juruá, em Carauari, no Amazonas. Algumas das empresas que atuam na região instalaram

se também na Guiana e no Suriname. Somente em Belize, na América Central, não foi registrada degradação ambiental.

Em 1995, a produção madeireira na Amazônia foi de 600 mil metros cúbicos, mas, para

atender à demanda das empresas asiáticas, segundo o Ibama, a exploração teria de ser aumentada cinco vezes. Além disso, para cada árvore derrubada na floresta, a tendência é que outras cem sofram danos irreparáveis.

GRUPO
APRESENTOU
RELATÓRIO NA
CÂMARA